

BLIZZARD ENTERTAINMENT

ÓDIO E DISCIPLINA

MICKY NEILSON

ÓDIO E DISCIPLINA

Micky Neilson

Valla sentiu o cheiro dos cadáveres apodrecidos a um quilômetro de distância.

Apesar das nuvens que envolviam Khanduras, o ar estava morno quando a caçadora de demônios chegou ao que restava de Holbrook. O lugar já fora uma pequena comunidade de fazendeiros, mas agora não passava de uma cidade fantasma. Ou assim parecia, pois o cheiro forte de putrefação sugeria que os moradores ainda se encontravam ali... embora já não estivessem vivos.

Josen, o mentor de Valla, se encontrava no centro da vila inspecionando uma pilha de detritos: pedras de cantaria espalhadas, rochas e solo revirados.

Ele usava a indumentária do caçador de demônios. A luz suave e baça refletia da armadura de placa que recobria metade do seu corpo. As bestas que ele carregava ficavam na altura das coxas, propiciando saque rápido. Ele removera o capuz e seu manto sacudia com o sopro do vento.

Valla vestia-se de maneira idêntica, à exceção de uma echarpe longa e escura que lhe cobria a metade inferior do rosto. A filha do marceneiro sofreu o cavalo, desmontou e esperou por alguns instantes, parada em silêncio, pensando.

Havia um zumbido no ar, persistente e quase inaudível. Os únicos sinais de vida vinham de Josen e dos outros dois caçadores: um deles vasculhava as estruturas dilapidadas, o outro se postava perto de um armazém arruinado. Tinham chegado tarde demais para fazer algo a respeito do que quer que houvesse acontecido ali. Agora era hora de procurar sobreviventes, pois essa era a segunda tarefa mais importante do povo de Valla: alimentar e proteger os desabrigados resultantes da catástrofe indizível. Orientar, encorajar, curar, educar e treinar... para a tarefa mais importante, se eles assim o quisessem: tornar-se um caçador de demônios e aniquilar os filhos do inferno responsáveis por males assim.

Josen continuou inspecionando os detritos enquanto Valla se aproximava.

— Eu vim o mais rápido que pude — ela disse, baixando a echarpe.

O zumbido suave persistia. Os olhos de Josen permaneciam fixos.

— Não era para estarmos aqui. — Sua voz soava feito cascalho. — Se Délios tivesse conseguido completar a missão, não estaríamos aqui. — Os olhos faiscantes dele enfim encontraram os dela. — Diga-me o que você vê.

Valla olhou para o cenário desolado. A alvenaria e o madeirame eram familiares, assim como o líquido escuro espalhado em toda parte. Mas havia outra substância, negra feito alcatrão, que ela não conseguiu reconhecer.

— O poço comunitário — sugeriu Valla. — O demônio subiu do poço... ferido, dada a presença de sangue de demônio. Então Délios conseguiu feri-lo, ao menos. Só rezo para que ele tenha tido uma morte digna de caçador de demônios.

Josen chutou terra. Sob a superfície, o solo estava úmido.

— Faz no máximo um dia que isso aconteceu... Foi depois.

Valla esperou que Josen continuasse. Como ele não o fez, ela perguntou:

— Foi depois do quê?

A expressão do mestre de caçadores era impenetrável.

— Siga-me — ele respondeu.

Ao se aproximarem do armazém o zumbido aumentou de volume, tornando-se vibrante, penetrante, e o fedor pútrido também ficou mais forte. O caçador postado à frente do armazém abriu as portas altas.

A massa negra e espessa de uma nuvem de moscas escapou para fora. E embora o cheiro de carne em decomposição fosse familiar para Valla, ali era tão forte que ela quase caiu de joelhos. Ela envolveu o rosto na echarpe e engoliu bile.

O armazém tinha o tamanho de um celeiro, e ali os aldeãos tinham sido empilhados em montes desordenados. Homens, mulheres... muitos já inchados, com os torsos abaulados. Alguns corpos haviam rebentado, e suas vísceras se espalhavam enquanto vermes coleavam em meio às entranhas. Fluidos vazavam dos olhos, narizes e bocas. Sob o fedor da decomposição sentia-se o mau cheiro de fezes. Centenas de moscas enxameavam pela podridão.

Valla franziu o rosto. As feridas eram cruentas, mas não pareciam com as que resultam de um ataque demoníaco. Aqui havia sinais de perfuração, empalamento e crânios esmagados, e não o desmembramento, rasgos e decapitação associados com ação demoníaca.

Josen disse:

— Délios foi visto há um dia nos arredores de Bramvell. Ele entrou em um bordel, matou todos lá e depois... desapareceu. Noite passada houve outro massacre. Quinze vítimas em um antro de ópio. Mortos por setas de besta e passados no fio da espada.

Os olhos de Valla se arregalaram, descrentes. Josen respondeu a pergunta implícita.

— Ele sucumbiu à corrupção demoníaca. Ele se perdeu e se tornou tão ruim quanto os demônios.

Aquilo era algo horrível, a possibilidade que todo caçador de demônios temia ao navegar no limite entre o bem e o mal. Era muito fácil perder o controle do medo ou do ódio e passar para o outro lado. Mas isto... não era obra de Délios. Isto era diferente. Valla disfarçou sua inquietação.

— Talvez seja verdade, mas caçador nenhum poderia fazer isto. Nem demônio nenhum.

— Concordo.

— Você acha que eles lutaram entre si?

— É possível — Josen respondeu antes de sair. Valla observou os montes de cadáveres mais uma vez, notando algo estranho: não havia crianças ali.

Do lado de fora, Josen esperava ao lado do cavalo. Valla se apressou e foi até ele.

— Eu completei minha última missão. Quais as ordens?

— Continuamos procurando sobreviventes. Pela manhã eu irei até Bramvell e encontrarei Délios. Talvez... não seja tarde demais — disse o mestre dos caçadores, mas a hesitação em sua voz não era muito animadora.

Valla perfilou os ombros e disse:

— Então eu irei atrás do demônio.

— Não — Josen respondeu. — Você não está pronta.

Valla se aproximou e disse:

— Como é?

O mestre dos caçadores se voltou para ela e respondeu com o mesmo tom impassível:

— Eu disse que você não está pronta. Nós não sabemos quase nada sobre o que estamos enfrentando, nem sobre seus métodos. Nós achávamos que se tratava de um demônio que se alimenta de medo... mas Délios também sabia disso e essa informação não foi suficiente para protegê-lo. Um demônio assim...

Os olhos de Josen se abateram um pouco e ele disse:

— Ele pode entrar em sua mente e descobrir cada medo, cada dúvida, cada remorso, não importa o quão fundo esteja enterrado. E irá jogar você contra você mesma.

Os olhos do mestre de caçadores se fixaram em Valla.

— Lembre-se do seu fracasso nas ruínas.

— Aquilo foi diferente. Foi um demônio de raiva — Valla protestou.

— Raiva. Ódio. Medo. Eles alimentam uns aos outros. Um caçador de demônios aprende a direcionar o ódio, mas é um equilíbrio precário. E quando esse equilíbrio se perde, o ciclo começa: Ódio gera Destruição. Destruição gera Medo e Medo gera Ódio, pois —

— Eu já ouvi isso um milhão de vezes! — Valla disse.

— Então aprenda. Você ainda é jovem e tem muito a aprender. Eu sempre ensinei a você: o caçador de demônios subjuga o ódio com disciplina. Portanto acalme-se. O demônio está ferido, inativo no momento. Eu vou enviar outro caçador.

Josen se voltou para ir embora, mas Valla não tinha terminado.

— Então eu irei atrás de Délios.

Josen olhou para ela e disse:

— Você vai ficar e ajudar a procurar sobreviventes. Délios é meu. Essas são as ordens.

O mestre dos caçadores partiu, lenta e calmamente. Isso só enfureceu Valla ainda mais. Ela queria vê-lo gritar, demonstrar só um pouco de emoção que fosse.

Não estou pronta? Eu não estou pronta depois de tudo pelo que passei?

Valla sussurrou:

— Como você ousa me dizer se estou pronta ou não?

No instante seguinte ela montou seu cavalo.

Para onde? Para onde teria ido o demônio? Valla olhou o sangue em meio aos destroços. Não havia rastros saindo do local, nada que a ajudasse.

A leste havia apenas montanhas. A oeste, o Golfo de Hespéria. Bem para o sul encontrava-se Nova Tristram. Mas o demônio estava ferido. Iria ele arriscar uma longa jornada para o sul, ou será que ele seguiria para nordeste... onde poderia encontrar mais comunidades de fazendeiros como esta?

Mais presas fáceis.

O vilarejo mais próximo, Vila Guarida, ficava a menos de um dia de viagem.

Ela fez sua escolha.

Ellis Halstaff estava preocupada com a saúde da filha.

Sahmantha jazia no quarto do andar de baixo com um pano úmido e frio estendido em sua testa, respirando muito levemente.

Sazinha acordara a noite passada gritando, e demorou bastante até que Ellis a acalmasse. Finalmente, quando ela perguntou o que havia de errado, sua filha respondeu dizendo:

— Parece que tem algo ruim na minha cabeça.

Bellik, o curandeiro de Vila Guarida, a tinha visitado mais cedo. Ele lhe trouxera um tônico que faria Sazinha descansar e receitou um banho frio assim que possível.

Mas Sazinha agora descansava, e Ralyn, o filho menor de Ellis, precisava comer. Além disso, ainda havia trabalho a ser feito antes do anoitecer. Antes era mais fácil— nos dias quando o pai de Sazinha ainda estava com eles, antes de ele abandoná-los sem dizer palavra e sem deixar recado, para nunca mais voltar.

Ellis olhava para Sazinha e lembrava do último aniversário dela, quando a precoce menina de sete anos dissera confiante que iria “tomar conta dos próprios negócios dali em diante” e que ela não iria mais fazer as tarefas de casa. Ela se lembrou do riso de Sazinha, uma gargalhada sonora e desabrida. E lembrou da noite em que Sazinha lhe dissera em segredo que estava apaixonada pelo pequeno Joshua Gray, pois ele tinha olhos doces como um sonho.

Ela lembrou de tudo isso e orou a Akarat para que Sazinha se recuperasse logo, que pudesse ter ainda muitos sonhos doces e nunca mais se preocupasse com a terrível doença que se abatera sobre ela.

Valla estava sentada fitando fogueira, há alguns quilômetros de Vila Guarida. Ela percorreu com o dedo uma comprida cicatriz que cruzava sua mandíbula.

Você não está pronta.

O caçador de demônios subjuga o ódio com disciplina.

As palavras de Josen ainda machucavam. Mas quanto mais ela pensava, mais considerava que... talvez ele não estivesse de todo errado. Seus pensamentos voltaram até o incidente nas ruínas...

Ela e Délios tinham viajado juntos por vários dias, para as profundezas das Terras do Pavor, ao sul. Délios era grosseiro e ácido, e a deixava nervosa. Valla preferia trabalhar sozinha, mas Josen insistira para que trabalhassem juntos.

Eles localizaram o esconderijo do demônio entre as ruínas de alguma civilização há muito esquecida. Valla protegeu a mente como Josen ensinara. Ele havia avisado a ambos que a batalha contra um demônio poderoso como aquele não seria apenas física.

“Vocês são a maior arma do demônio” ele lhes dissera.

Valla sentiu sua inquietação aumentar à medida que os dois desciam por entre os amplos e monolíticos blocos de pedra. A base da escadaria dava numa boca de caverna onde centenas de enormes pilares de pedra subiam até o teto, seus topos se perdendo na escuridão acima. Braseiros acesos lançavam borrões de luz bruxuleante pelo lugar.

Délios seguiu à frente. Ele era descuidado. Tolo. A cabeça de Valla latejou. Ela podia sentir o demônio se infiltrando em seus pensamentos. Em sua mente a presença dele era como tentáculos negros sondando, provocando, zombando. Valla pensou em cada hábito irritante, cada qualidade negativa que Délios possuía. E sua agitação logo se tornou irritação, que então se tornou raiva.

Délios disparou adiante outra vez, depois de ela ter gritado que ele parasse. Ele se voltou, lançando um sorriso malicioso em sua direção. De repente ela teve certeza de que ele havia sido corrompido. Ele passara para o outro lado. A raiva dela se tornou fúria cega e ela soube que iria matá-lo. Ele era fraco, patético. Acabar com a vida dele seria misericordioso.

Valla seguiu adiante. Délios ficou à espera, sorrindo provocativamente. Ela correu na direção dele no momento em que ele se escondeu atrás de um pilar. Valla seguiu...

E ele desapareceu. Valla *sentiu* o demônio atrás dela, uma presença maciça, sobrenatural. Em sua mente ele ouviu o eco de uma gargalhada. O demônio manipulava com a perícia de um titereiro puxando as cordas da marionete. Valla seguiu um Délios falso. Ela tinha perdido, e agora iria morrer.

Então houve uma explosão, e Valla só lembraria do que aconteceu depois em breves clarões de lucidez: Josen enfrentando o demônio. Délios correndo para ajudar. Valla recobrando os sentidos a tempo de disparar várias setas. Josen gritando palavras de banimento:

— Eu o vejo, Draxiel, cão sarnento de Mefisto. Em nome de todos os que sofreram, Eu o expulso! Retire-se, condenado, e nunca mais retorne!

Josen disparou uma seta. Houve um brilho cegante e então o demônio desapareceu.

As ruínas tinham sido um teste (Josen gostava de dizer que tudo, inclusive a vida, era um teste). E Valla fracassara. Agora... agora Délios também fracassara. E isso custara sua alma.

Valla estava determinada a derrotar este demônio, a não acabar da mesma forma que Délios...

Ele se perdeu e se tornou tão ruim quanto os demônios.

A filha do marceneiro reprimiu um calafrio. Havia mais de uma maneira de banir um demônio, mas Josen lhe ensinara apenas uma. E uma vez ele também lhe dissera:

— Quando um demônio espia dentro de você, é possível espiar de volta. Mas isso é a coisa mais perigosa que um caçador de demônios pode fazer.

O erro que Valla cometera nas ruínas não se repetiria. Ela havia amadurecido muito desde então.

A caçadora de demônios tirou do bolso uma gravura representando Halissa, sua irmã menor.

— Por você — ela sussurrou. E ela começou a treinar a série de exercícios mentais que Josen lhe ensinara enquanto a fogueira do acampamento lentamente se extinguiu.

Não vou conseguir, Ellis Halstaff pensou. Perdi muito sangue.

Escapar pela porta da frente e correr até Vila Guarida não era uma opção. Não antes de salvar Ralyn, que tinha apenas um ano e meio de idade e estava indefeso. Ele não conseguia sequer caminhar direito, quanto mais se proteger.

Chegando à escada ela se agarrou ao corrimão com a mão boa e se ergueu, arrastando a perna inutilizada atrás de si um passo por vez.

E enquanto sua força se esvaía ela pensou em Sazinha e se perguntou em desespero por que motivo sua filha estava tentando matá-la.

Depois do dia de trabalho, Ellis fora até Sazinha, ver se ela já podia tomar banho. Sazinha sorriu, puxou a melhor faca de cortar carne de Ellis de entre as cobertas e esfaqueou a mãe na perna e então no torso. Cinco, seis vezes. Ellis perdera segundos preciosos imobilizada pelo choqueantes de conseguir correr finalmente.

A cabeça de Ellis estava entorpecida. Ela estava na metade da escada quando ouviu os passos rápidos dos pés descalços de Sazinha no andar de baixo.

Ela se virou e viu, ao pé da escada, sua linda filha loira, usando o vestidinho rosa de fita que Ellis comprara a duras penas como presente do festival da colheita. O tecido estava melado de vermelho escuro e rebrilhava à luz das lamparinas. Sazinha segurava a faca com a mão direita. Sangue recobria o braço dela do cotovelo para baixo, e pingava da ponta da lâmina.

— Espera, mamãe, deixa eu te pegar!

Ela acha que é brincadeira... como ela pode achar que é uma brincadeira?

Ellis se ergueu, subindo de costas mais um degrau.

Sazinha saltou dois degraus de uma só vez.

— Eu falei PRA ESPERAR!

Ela escorregou na trilha de sangue do degrau e seu braço direito, fazendo um arco no ar, enterrou a lâmina bem onde Ellis havia estado alguns segundos antes.

O som dos próprios gritos abafou qualquer outro barulho e Ellis se voltou num ímpeto e saltou os últimos dois degraus da escada. Ela se aproximou do quarto de Ralyn em investidas desesperadas, puxando a perna inútil atrás de si.

Lá dentro eu posso trancar a porta e então talvez —

Ellis chegou à porta e congelou. Ralyn não estava no berço. E mais: a grade de madeira fora quebrada, com pedaços espalhados pelo chão.

A tontura ficou mais forte e Ellis estendeu o braço para se apoiar na barra lateral quebrada do berço. Seus membros estavam frios e só a muito custo respondiam às ordens da mente.

— Eu achei você!

Ellis se voltou e viu Sazinha na porta com um grande sorriso no rosto, igual aos que ela dava quando fazia bagunça com o pai antes de ele ir embora.

O mundo estremeceu. Ellis deu um passo para trás e agarrou um pedaço partido da barra lateral, longo e pontudo. Ela o arrancou e o trouxe à frente com a mão trêmula.

— O que você fez, Sazinha? O que você fez com seu irmão?

Sazinha abaixou a faca. Seus lábios gordinhos se encurvaram nos cantos, suas sobrancelhas se aproximaram e seus olhos se arregalaram, úmidos. Era a expressão que ela fazia ao ser flagrada fazendo alguma traquinagem, quando tentava escapar do castigo.

— Você vai me bater, mamãe?

O assoalho balançava feito o convés de um navio em mar borrascoso. Ellis tinha uma vaga noção de que sua mão e o pedaço de madeira pontuda pareciam estar à deriva, longe, muito longe.

— Só me diga por que... — Ellis soluçou. Sua voz parecia quase desinteressada.

— É por que você está doente? Eu posso ajudar... nós podemos ir até Bellik e —

Ela sentiu uma dor aguda atrás do calcanhar bom, uma mordida funda e dolorida que disparou um espasmo de agonia por todo seu corpo e a fez gritar.

Ellis olhou para baixo e viu Ralyn escondido sob o berço. Ele olhou tranquilamente para ela e lhe ofereceu um amplo sorriso de dentes pequeninos, cobertos de vermelho brilhante.

O mundo fugiu de sob os pés de Ellis e as trevas se acercaram dela. Seu braço caiu sem forças e sua cabeça desabou para trás. E ela sequer chegou a sentir quando Sazinha enfiou a longa lâmina em seu peito.

Valla chegou aos arredores de Vila Guarida pouco antes da meia-noite. Ela não escolhera a hora da chegada, mas tinha sido melhor assim.

Ela não seria bem-vinda na cidade. Caçadores de demônio raramente o eram, sendo vistos frequentemente como prenúncios de problemas e arautos da morte, mesmo nos melhores dias.

O ar ainda estava morno quando ela passou pelos campos repletos de espigas secas, banhados pela lua, e por grandes trechos de terra onde fileiras de trigo se postavam em alqueires feito soldados obedientes. A colheita estava em andamento.

Os ouvidos de Valla logo detectaram o som de água corrente.

Era um rio.

A filha do marceneiro sentiu uma fisgada oca na boca do estômago.

O estalajadeiro empalideceu ao vê-la, mesmo depois que ela tirou o capuz e abaixou a echarpe para tranquilizá-lo. Ele respondeu às suas perguntas com frases curtas. Não havia sinais de problemas, nada fora do comum. Nenhum motivo para preocupação. Valla deu ao estalajadeiro um bilhete para ser entregue ao curandeiro assim que amanhecesse, dizendo: *“Procure-me se houver qualquer problema”*.

Ao entrar no quarto, Valla conferiu os detalhes costumeiros: havia uma cômoda robusto que serviria como barricada, se necessário. Não havia porta para o quarto ao lado. Uma cama posicionada na parede mais distante com uma boa visão da entrada. Uma única mesinha com uma cadeira, e uma janela a cinco metros de altura do chão lá fora.

Valla removeu a armadura e suas inúmeras armas. Ela colocou as bestas, adagas, setas, boleadeiras e aljava bem à mão, perto da cama, tomando cuidado especial com uma das setas, rubra e adornada com runas. Em seguida, ela desfez as malas. E por todo o tempo, a filha do marceneiro não se livrava da sensação importuna que a acossara em sua cavalgada até ali: a sensação de que estava esquecendo alguma coisa. Algo importante, vital. Era como se houvesse um vazio em sua mente onde antes havia um conhecimento essencial.

Valla terminou de ajeitar as coisas e então se sentou no chão e fechou os olhos, acalmando a mente. Concentrou-se no ritmo de sua pulsação.

O que quer que tivesse esquecido recusava-se a ser lembrado. Outros pensamentos se intrometiam, atrapalhando-a.

E se ela estivesse errada? E se tivesse desobedecido Josen sem motivo?

A caçadora decidiu que se preocupar com aquilo agora não lhe faria bem algum. A lembrança fugidia retornaria a ela no tempo certo.

Valla foi até a mesinha e escreveu uma breve carta para sua amada irmã Halissa. Contou detalhes da viagem, assegurou-lhe que tudo estava bem, que ela a amava e que logo a visitaria.

E a caçadora esperava que fosse verdade. Talvez depois que esse demônio fosse destruído ela pudesse descansar um pouco.

Valla dobrou a carta e a colocou num envelope, que depositou na bolsa de viagem.

Valla apagou a vela e se deitou de lado, encarando a porta e forçando por recordar o que sua mente esquecera.

Suspirou fundo e desejou desesperadamente, como fazia todas as noites, ter um sono sem pesadelos do ataque ao seu vilarejo. Como todas as noites, ela desejou apenas uma vez sonhar com alguma coisa boa.

Ela esquecera como era sonhar com qualquer coisa além de massacres.

Kirram Gray entrou em casa cambaleando, depois de se aliviar no canteiro de flores. Seretta não ficaria nem um pouco feliz se descobrisse, mas ela ficaria quieta, se soubesse o que era bom. Antes, no começo do casamento, ela ainda não sabia, mas com o passar dos anos ela aprendera. As lições eram duras, mas necessárias.

A lamparina ao lado da porta estava apagada. Kirram falaria sobre isso com Seretta pela manhã. Alguém podia quebrar a porcaria da perna entrando em casa assim no escuro. Depois de três tentativas, Kirram conseguiu acender o pavio.

Ele se perguntou distraidamente onde estaria Rexx, enquanto se dirigia à cozinha. Nas noites em que chegava tarde da taverna, Rexx normalmente o encontrava na porta, com a língua de fora e abanando o rabo de empolgação. Mas Rexx gostava de dormir no quarto de Joshua... Era onde devia estar agora, enrodilhado aos pés da cama.

Não havia nada sobre a mesa da copa. Kirram sentiu a raiva crescer. Suas mãos se cerraram em punhos e seus dentes rilharam de irritação. Seretta recebera instruções de deixar o jantar esperando por ele. Seria ela tão burra? Kirram se perguntou se Joshua teria comido seu jantar. Se fosse esse o caso, o moleque teria que ser punido. E com firmeza, como deve ser nesses assuntos.

Mas agora parecia que Kirram teria que cortar a carne ele mesmo. A volta para casa aumentara consideravelmente sua fome. Pegando uma faca de cima da mesa, ele seguiu com a lamparina à frente, em direção à despensa.

Ele entrou no cômodo escuro e comprido, e a luz revelou alguns pedaços de porco esquartejado pendurados de ganchos na parede à direita. Ele se aproximou de um pedaço grosso de pernil e sorriu.

Kirram se agachou, e ao deixar a lamparina de lado para cortar um naco de carne ele notou uma poça de algo parecido com vinho no chão. Ele aproximou a lamparina.

Sangue.

Aquilo o deixou um pouco mais sóbrio. Não era para ter sangue no chão. Os porcos eram mortos e limpos do lado de fora.

O sangue estava acumulado entre suas pernas, vindo de algum lugar atrás dele. Levantando-se e se virando, Kirram quase derrubou a lamparina ao dar um passo súbito para trás.

Rexx estava pendurado de um gancho na parede oposta, preso pela carne macia sob a mandíbula. Sangue empapava seu pelo e ainda pingava da cauda. Suas entranhas tinham sido removidas e empilhadas a um canto.

Uma brisa morna entrou pela porta do outro lado da despensa, que se abriu de repente. A luz não era forte o suficiente para que Kirram pudesse ver quem estava ali. Ele abaixou a lamparina para que seus olhos se acostumassem à escuridão. Uma voz chegou até ele.

— Pai?

— Joshua! Venha pra cá, moleque! O que você está fazendo fora de casa?

Kirram ainda não conseguia ver mais que um borrão escuro à distância.

— Eu falei pra vir pra cá! Mataram o Rexx! Me obedeça, rapaz, anda!

Os olhos de Kirram se ajustaram para ver melhor a silhueta do filho parado em pé na porta segurando uma foice de cabo longo com as duas mãos, a lâmina curva contrastando contra a lua e as nuvens.

— Mas a colheita não acabou ainda, pai.

Kirram cambaleou para diante, com a boca aberta de pasmo.

— O que você disse, rapaz? Ficou maluco...?

Mais alguns passos e a lâmpada derramou sua luz sobre Joshua. Suas roupas de trabalho estavam manchadas... com a mesma cor de vinho que cobria o chão.

— Foi você quem fez isso? Foi você que matou o cachorro, seu maldito doente de —

Sem uma palavra, Joshua deu um passo à frente e golpeou. Kirram ergueu o braço esquerdo para aparar o ataque, mas no último segundo o garoto baixou e inclinou a lâmina, que se cravou entre as costelas de Kirram, rasgando suas tripas, e penetrando tão fundo que a ponta saiu pingando sangue do outro lado do torso.

Um som engrolado subiu pela garganta de Kirram, escapando por sua boca. O moleque o furara! Furado feito um porco. Ah, mas ele pagaria. O moleque seria punido, e bem severamente.

Joshua puxou a lâmina e Kirram se aproveitou desse erro. Avançando rapidamente ele enterrou a faca de cozinha até o cabo na garganta de Joshua.

O filho caiu para trás feito pedra. Mesmo sem a presença da lâmina da foice, Kirram sentia uma dor lancinante na barriga. Ele tossiu e cuspiu uma grande mancha de sangue... e então correu. Ele matara o próprio filho! Kirram só conseguia pensar em fugir, correr o mais rápido e para o mais longe possível. Ele seguiu na direção do milharal sem se importar com as espigas que ele esmagava e entortava, tropeçando, cuspidando sangue, sentindo uma tontura que ameaçava derrubá-lo a qualquer momento.

Kirram correu o mais rápido que seus pés podiam levá-lo, até que a dor no estômago o forçou a se ajoelhar. Ele parara aos pés do espantalho, no canto do milharal. Ele precisava fugir. Se ele conseguisse se erguer de novo... Se conseguisse chegar à cidade e falar com Bellik, o curandeiro...

Kirram se agarrou às calças do espantalho, forcejando por se erguer, um longo fio de baba e sangue escorrendo do seu queixo. Mas o material entre seus dedos não parecia palha.

E havia sangue encharcando o tecido. Era sangue?

Sua consciência se apagava. Kirram tossiu violentamente, se içou até o alto e ergueu a cabeça para encarar o rosto do espantalho...

E viu a face transida de horror e emaciada da esposa morta.

Um pouco antes do amanhecer, Valla se postava ao lado de um cadáver coberto por um pano na casa de Bellik. O sangue que se espalhava da cabeça já começara a secar no tecido.

— Quem é? — Valla perguntou.

— Durgen, o ferreiro. Ele — ele nem conseguia falar direito quando chegou aqui... murmurou apenas algumas palavras antes de falecer, mas foi mais que suficiente.

— O que ele disse?

— Hein?

Bellik era praticamente uma relíquia, magro, encurvado e ruim de ouvido apesar das orelhas enormes. Seu desconforto em presença de Valla era palpável.

Valla perguntou mais alto:

— O que foi o ferreiro falou?

— Ah...

O curandeiro tentou puxar o pano, mas o sangue seco o prendera no lugar. Bellik puxou com força e o pano se soltou, revelando um homem lacerado, com metade da cabeça esmagada por um golpe.

— Ele disse: “Foi meu filho quem fez isso.”

Valla ficou em silêncio por um bom tempo, observando, e a sensação voltou, como se ela tivesse esquecido algo importante. Ela ignorou o pensamento, concentrando-se na situação presente, do homem morto traído pelo próprio filho.

Houve então um grito vindo da rua, o gemido desesperado de alguém cuja vida chega a um fim violento.

Valla correu até a porta.

— Fique aqui.

Ela saiu para a luz do alvorecer. Na rua um garoto de talvez treze anos se inclinava sobre o corpo de uma feirante. O garoto carregava um martelo de ferreiro cuja cabeça estava suja de sangue. O que restava do crânio da feirante estava espalhado entre os produtos expostos em cima de um pano roto.

Valla se lembrou de que não havia crianças entre os corpos do armazém em Holbrook, e então ela compreendeu.

Não havia crianças porque elas haviam cometido os assassinatos. Peões no tabuleiro do demônio. Por um breve momento Valla ficou chocada e perturbada com a ideia, e baixou a guarda, ficando vulnerável. Mas ela se controlou a tempo, recobrou os sentidos e começou a avaliar a situação. Era preciso agir logo ou ela morreria.

O grito atraía outras pessoas, e Valla notou uma garotinha loira num vestido vermelho no final da rua. Ela carregava uma faca manchada de vermelho em uma mão e um garotinho ensanguentado de olhar voraz escanchado em seu quadril. Os olhos dela estavam arregalados e brilhantes.

Houve um barulho de rangido no mirante acima da posição de Valla. Era alguém saindo, mas o rangido fora curto e agudo, indicando alguém bem leve.

Outra criança.

O filho do ferreiro se aproximava de Valla com um sorriso bem aberto.

Duas outras crianças apareceram: um rapazinho arrastando uma espada embainhada e uma menina mais velha com uma grande pedra segura entre as mãos.

Então uma última criança apareceu, um garoto ruivo sem os dois dentes da frente, pulando com uma machadinha na mão direita. Um grupo de cinco adultos saiu na rua também. Alguns rostos apareceram nas janelas.

— Quem não quiser se machucar é melhor ficar trancado! — Valla ordenou, e cobriu o rosto com o capuz.

— Agora!

O grupo de adultos obedeceu prontamente.

Bellik ficou observando da janela.

Na época em que ele prestava atenção nessas coisas, Bellik teria achado a moça bonita. Agora ele só via uma arauto da ruína. Todos sabiam que onde os caçadores de demônios iam, a morte logo seguia.

A população da cidade entrou nas casas, mas as crianças tinham permanecido na rua e estavam se posicionando para atacar. As palavras do ferreiro voltaram a assombrar Bellik:

Foi meu filho quem fez isso.

Que loucura havia se apossado do mundo e transformado crianças em açougueiros? E a mulher... a caçadora de demônios, certamente os mataria.

Uma explosão de fumaça eclodiu sob os pés da mulher e se expandiu rapidamente, escondendo-a da vista de todos. Logo em seguida uma pequena forma pulou no meio da névoa do mirante acima do posto de observação de Bellik. Quando a nuvem começou a se dissipar, uma machadinhapassou girando, errando a criança que pulara por alguns centímetros.

A cabeça de Bellik girou e ele viu um vulto se erguer a vários metros, em meio à névoa escura e evanescente. A fumaça fora uma distração proporcionada pela caçadora. Ela girou o pulso e o garotinho ruivo que se aproximava — Bellik achou que era o filho dos Travers — levou a mão ao pescoço como se tivesse sido mordido.

Bellik sentiu um aperto no peito.

Ela está matando eles!

Kyndal, o filho do ferreiro, se adiantou, de olhos arregalados, perdigotos voando da boca. Ele girou o martelo em um arco amplo. A caçadora de demônios avançou, agarrou o braço do garoto e o fez girar, arremessando-o contra um outro garoto que Bellik não reconheceu, e que se ocupava em tentar desembainhar uma espada maior do que ele.

O garoto caiu de costas. A caçadora de demônios pegou o martelo e golpeou com ele de baixo para cima, acertando a ponta do queixo de Kyndal. Dentes voaram. A mulher se afastou e Kyndal caiu para

diante, desmaiado. A alguns metros o filho dos Travers caiu pesadamente, com a mão ainda colada ao pescoço.

A caçadora demônios girou o pulso outra vez na direção da criança que pulara do mirante, que Bellik também não reconhecera, assim como não reconhecera o garoto da espada. Visitantes de Holbrook, talvez?

As mãos de Bellik fecharam-se em punhos. Do lado de fora, duas crianças atacaram a mulher. Sahmantha Halstaff, correndo como se estivesse jogando bola e sacudindo uma adaga sangrenta à frente e Bri Tunis, levantando uma pedra pesada acima da cabeça.

Bellik vira acrobatas das terras distantes de Entsteig há muitos anos, em Caldeum. Eles giravam, pulavam e davam cambalhotas e saltos mortais com uma facilidade inacreditável. O curandeiro se lembrou deles ao ver a mulher saltar, rolar agilmente para diante e aterrissar atrás de Samantha. Era um borrão em movimento, quase rápido demais para ser visto, mas o mais impressionante é que no instante seguinte Sahmantha estava amarrada com uma fina corda.

Perto dali, o estranho que pulara do mirante desabou como o filho dos Travers.

Já chega!

Bellik correu até a porta e a abriu enquanto a caçadora de demônios executava um giro e arrojava Sahmantha na direção de Bri com movimentos impossivelmente rápidos, seus braços se agitando feito flâmulas ao vento. Quando ela terminou, as duas meninas estavam amarradas.

O pequeno Ralyn, irmão de Sahmantha, engatinhava para diante, parecendo querer fincar os dentes na perna da caçadora. Ela o ergueu, sacou a adaga e —

— Não! — Bellik gritou.

— a enfiou no cangote da camisa do garoto, fincando-a num poste de madeira próximo, e deixando a criança esperneando e se debatendo, ilesa. Valla se virou e foi em direção a Bellik.

— As crianças — ele disse.

— Elas estão bem. Eu usei dardos sedativos. Elas estão a salvo por agora. E permanecerão assim com sua ajuda.

As mãos de Bellik relaxaram e se abriram. Seus ombros desabaram de alívio.

— Qual a surpresa? — Valla perguntou.

— É que dizem que vocês... — Bellik abaixou a vista.

— Fale — Valla o encorajou.

Bellik reuniu coragem e disse:

— Que vocês não são melhores que os demônios. Que os olhos de vocês carregam o fogo do inferno. Que aonde vocês vão, a morte segue.

Valla se aproximou de Bellik, que cambaleou para trás.

— Dizem que quando um demônio espia os recessos mais recônditos da sua mente, curandeiro, então é possível espiar de volta, se você souber como. E então você só vê a caçada e a vingança, e seus olhos ardem no fogo dessa obsessão.

Os lábios de Bellik tremeram. Ele disse:

— Seus olhos... não ardem.

A expressão de Valla se abrandou.

— Não. Eu vivo para algo mais que a vingança.

Ela se voltou e disse:

— Agora eu preciso de um lugar para deixar as crianças. Separadas.

O curandeiro pensou por um instante.

— Nós só temos uma cela na cadeia... mas temos estábulos. Os estábulos vão servir, tenho certeza.

Valla olhava pela pequena janela gradeada para as baias. Sahmantha estava em uma delas, mãos e pés amarrados, cabeça inclinada com o longo cabelo loiro escondendo seu rosto. As outras crianças estavam nas baias restantes, em grupos de dois ou três. Mas Valla insistira para que Sahmantha ficasse sozinha.

Quando as crianças foram transportadas até ali, uma multidão de aldeões se reunira em volta das carroças usadas para levá-las até os estábulos. Muitos tinham ficado violentos, e sua raiva fora direcionada a Valla. Mas eles confiavam em Bellik, e foi a orientação dele que evitou a catástrofe, pelo menos naquele momento. Havia pessoas estavam esperando fora dos estábulos até agora e Valla ouvia o eco de seus lamentos e maldições.

Bellik terminara de falar com eles.

— Eles querem saber por que isto está acontecendo. Por que as crianças?

Valla abriu a porta da baia, entrou e se ajoelhou na palha seca.

— Tranque a porta.

— Mas —

— Tranque.

Quando ela ouviu o ferrolho sendo puxado, Valla repartiu o cabelo de Sahmantha e ergueu o queixo da menina. Os olhos dela estavam fechados.

O cabelo loiro, a pele boa... ela lembrava muito Halissa. Valla lembrou de como o rosto de Halissa se animava ao ver a irmã mais velha. E lembrou dos olhos brilhantes e curiosos da irmã, de sua energia inesgotável.

Valla não podia demonstrar fraqueza diante do curandeiro, e suportou impassível a onda de enjoo que a acossou numa maré de tristeza e angústia. Subitamente Valla se sentiu cansada de corpo e alma.

Ela se lembrou do seu vilarejo em Hespéria. Se lembrou da família. Valla conteve rapidamente as lembranças do massacre, quando ela era pouco mais que uma criança, as mesmas visões que a assombravam toda noite. Gritos dos moribundos; sangue; uma garra de demônio que, mirando sua garganta, acertou seu queixo; a fuga; a mão de Halissa na sua; o esconderijo perto do rio...

Ela fora encontrada por outros que tinham sofrido destinos parecidos e aprendera a respeito dos caçadores de demônios. Orientada por Josen, Valla fora recriada como um avatar da vingança, uma arma forjada para atacar o coração das trevas.

Valla esfregava distraidamente a cicatriz no queixo. Ela se aproximou de Sahmantha e disse:

— Fale, demônio.

Valla esperou. Não houve resposta.

— Não se faça de difícil. Você não vai vencer aqui. Sua única esperança é voltar para seu mestre amaldiçoado e esperar que o inferno tenha piedade, pois eu não terei. Agora diga seu nome.

Sahmantha não se mexeu.

Abaixando a cabeça da garota, Valla se levantou e se postou diante da janela gradeada.

— Curandeiro! Você me perguntou o motivo deste demônio ter escolhido crianças... Eu vou lhe dizer. Esta criatura patética do inferno escolheu os jovens porque ela é fraca e as crianças são vulneráveis, presas fáceis para essa ralé que implora por migalhas na mesa dos seus mestres.

Bellik estava bem diante de Valla. Ele a encarou e ergueu as sobrancelhas.

Então Valla sentiu a movimentação atrás de si, acompanhada por um som bem leve.

A filha do marceneiro se virou e viu a menina na ponta dos pés, com as costas arqueadas e a cabeça apertada contra o ombro... Seu cabelo caído sobre um rosto partido de veias, de olhos arregalados, sem foco e avermelhados. Quando sua boca se abriu, ela pareceu lutar para formar as palavras. E então ela disse:

— NÃO VIRES TU AS COSTAS, INSOLENTÉ!"

A voz tinha um tom alto e áspero, como o som de aspiração contínua.

— QUERES PORVENTURA ENFRENTAR-ME?

A cabeça da menina se agitava frenética de um ombro a outro.

— TAL FEITO EXCEDE TEU ALCANCE, SER ABJETO. MAS ALGUMA DISTRAÇÃO SERIA BEM-VINDA. LIBERTA-ME, E ENTÃO VERÁS...

Valla sacou a lâmina. Bellik protestou com lábios trêmulos e cobriu as orelhas com as mãos. Valla não pareceu notar e cortou as cordas que prendiam Sahmantha.

Sim, vamos ver então.

A criança deu dois passos. Valla saiu do caminho e a menina cambaleou para frente até ficar diante da porta fechada. Sua cabeça girou até que o queixo tocou suas costas, seus olhos esgazeados encarando o nada.

— VEM.

Valla disse a Bellik que destrancasse a porta.

Bellik olhou de Sahmantha para Valla e de volta.

— Mas é seguro?

— Não haverá problemas. Confie em mim.

Depois de um instante de hesitação Bellik fez o que ela pediu. O queixo da menina tocava o próprio peito e seus cabelos impediam que ela visse para onde ia, mas ainda assim ela conseguiu se mover sem erro pelo estábulo.

Bellik lhe deu bastante espaço e então ele e Valla a seguiram enquanto ela passava pelas baias onde as outras crianças estavam presas. À direita, a menina mais velha que levantara a pedra pesada estava à porta, agarrando as barras, e quando ela falou, foi na voz repelente de um demônio.

— EU SOU OLPHESTOS. O INFILTRADOR, FACILITADOR DA LEGIÃO DOS MALDITOS E LÁTEGO DOS CONDENADOS QUE SE ESTORCEM...

Bellik olhou em redor aterrorizado, suas palmas pressionadas novamente contra as orelhas enquanto Sahmantha prosseguia. O menino que arrastara a espada pelas ruas se ergueu para espiar pela janela do outro lado, e a voz continuou, saindo agora de sua boca:

— FOMENTADOR, ARREGIMENTADOR, CASTIGADOR, GORJA DO GRITO SILENTE...

Outra criança falou da baía à direita de Sahmantha.

— O BARQUEIRO DAS ESPERANÇAS PERDIDAS, DOS SONHOS PARTIDOS, DO DESESPERO DEBILITANTE...

Na última baía estava o filho o ferreiro, exibindo um buraco sangrento no lugar onde antes havia dentes.

— A HÁBIL MÃO DIREITA DO MEDO. O OLHO QUE OLHA PARA DENTRO. CONHEÇA-ME E CONHEÇA O INDIZÍVEL.

Bellik ficou perto de Valla enquanto Sahmantha saía para a luz do dia.

Valla saiu atrás dela, puxando o capuz para trás, e abriu caminho à força entre a multidão reunida.

— Deem espaço! Todos vocês! Bellik, ajude aqui!

Os moradores do lugar continuaram pressionando, fazendo perguntas, acusando. Bellik gritou para a multidão abrir espaço enquanto Sahmantha cambaleava para diante.

Valla abria caminho adiante da menina, que prosseguia. Seus movimentos eram às vezes erráticos e espasmódicos, às vezes graciosos e fluidos. O ajuntamento de pessoas prosseguiu, passando pelas lojas no lado leste da cidade.

Sahmantha apressou o passo e muitos dos moradores foram ficando para trás. Bellik resfolegava, seu rosto vermelho pelo esforço.

Eles andaram por um trecho desolado da estrada de terra, pouco mais que uma picada que dava nos campos mais além. Sahmantha chegou perto de uma touceira de capim seco, parou e se virou. Sua cabeça se endireitou e a voz do demônio jorrou novamente como um forte vento.

— QUERES PORVENTURA ENFRENTAR-ME? ENTÃO VEM...

A menina deu um lento sorriso, mas quando ela falou em seguida, foi com a voz de uma criança, a voz da pequena Sahmantha Halstaff:

— A gente pode fazer bagunça junto...

Sem aviso os olhos dela se fecharam. Seu corpo amoleceu e ela caiu.

Valla se adiantou e se curvou sobre Sahmantha para se certificar de que ela ainda vivia. Ela pôde ouvir a respiração da criança.

Os aldeões que tinham ficado para trás chegaram finalmente e cercaram a caçadora de demônios. Bellik também estava perto, acalmando a respiração. Valla olhou para o alto, como se esperasse que o demônio caísse do céu.

Então ela olhou para baixo, notando e passando os dedos na grama esturricada, que se espalhava por uma grande área, abaulada no meio e afilada nas pontas, com o formato geral de um grande olho. Havia manchas negras também — contaminação demoníaca.

— Curandeiro, há alguma coisa embaixo de nós?

As sobrancelhas de Bellik se ergueram.

— Não.

— Num é bem assim não.

Valla e Bellik se voltaram para um dos aldeões, um fazendeiro roliço com um chumaço branco de bigode na cara.

— O rio Bohsum passa aqui embaixo.

Bellik olhou para Valla e talvez fosse um truque da luz, mas lhe pareceu que ela havia empalidecido um pouco.

— Mas eu ouvi o rio quando cheguei aqui ontem à noite. Estou ouvindo neste instante.

O cenho do fazendeiro se franziu um pouco num sinal de irritação branda.

— Aquilo não é o Bohsum de verdade, é só um canal que os colonos escavaram tem muito tempo pra desviar a água... O Bohsum de verdade sai lá da Serra Quedamorte —

O fazendeiro se virou e apontou para nordeste.

— E entra num sumidouro. Daí ele vem vindo por debaixo da terra até sair de novo daqui a uns dois dias de viagem lá pra oeste.

Valla avaliou os arredores próximos.

— Não tem um poço?

— A terra fora da vila é fértil, mas aqui o chão é duro que nem ferro. Foi mais fácil cavar o canal.

Valla suspirou e respondeu:

— Esse sumidouro e o ponto onde o rio reaparece... não há outro jeito de chegar lá embaixo?

O fazendeiro cuspiu e disse:

— Não.

— E onde fica o sumidouro?

O fazendeiro acenou na direção das montanhas.

— Meio dia de viagem naquele rumo.

Bellik olhou para Valla inquisitivamente.

— E agora?

A filha do marceneiro ergueu o capuz e observou a multidão.

— Fiquem aqui e permaneçam juntos. Isso garantirá sua segurança. Levem Sahmantha de volta aos estábulos. Amarrem e prendam qualquer jovem com menos de dezesseis anos.

Ela olhou para Bellik novamente.

— E vão buscar meu cavalo. Eu vou matar esse demônio.

Soava como uma tempestade.

Valla se postava na beira da cratera na qual o Bohsum se escoava, seus olhos perdidos na voragem de águas que sumiam dentro da terra. O rio afundava ali, espiralando lentamente pelas margens e mais intensamente no meio, antes de finalmente desaparecer na escuridão rumo ao desconhecido lá embaixo.

Os borrifos refrescaram o rosto de Valla, e o ruído do vórtice de água, como o de um vento forte, fizeram-na lembrar de uma noite semanas depois do ataque à vila...

Valla e Halissa se aninhavam juntas para se aquecer enquanto a chuva castigava a terra. Halissa caíra em sono exausto, mas como de hábito os pesadelos sobre o massacre não a deixaram dormir por muito tempo. Halissa acordou gritando e saiu correndo...

Perto dali, o rio caudaloso corria. Halissa correu para muito perto da margens e escorregou na lama... Halissa estendera a mão...

Valla temera então que Halissa fosse carregada, perdida para sempre... perdida como as águas correntes que vertiam no sumidouro, tão parecido a uma órbita vazia.

Seu coração ficou pesado com a lembrança, mas ela agarrara a mão de Halissa. Tinha dado certo. Tudo dera certo no final.

De volta ao presente, a ausência na memória de Valla estava mais pronunciada, um vazio persistente. Qualquer que fosse o pedaço faltante, Valla jurou, isso não importaria. Ela se sentia mais cansada do que nunca, mas ela iria terminar essa história. Por Halissa.

Valla sabia que a armadura apenas a atrapalharia, e assim ela a descartou. As armas ela guardou em uma capanga que Bellik lhe dera para este fim. Na capanga também havia pederneira e palha seca enroladas em couro de cabra. Ela colocou ali também as boleadeiras e várias setas de ponta explosiva.

Ela removeu o manto e o capuz e os colocou na capanga também, para que não a atrapalhassem na água. Finalmente despida, Valla segurou firme a capanga e se aproximou da borda da fissura.

Valla não conseguia imaginar nada mais inescrupuloso que um demônio corruptor de menores. Ela sentiu um calor subindo das entranhas, uma fúria calcinante. Mas era isso que o demônio queria, não era?

Ela pensou em Délios. No fracasso dele.

O caçador de demônios subjuga o ódio com disciplina.

Parte dela sabia que talvez não sobrevivesse à queda, que as águas revoltas poderiam sugá-la para a morte.

Valla respirou fundo e pulou.

Dentro do olho convulso do sumidouro o mundo se rendia à escuridão e os músculos de Valla forcejaram por manter seu corpo a prumo em meio ao caos do turbilhão. Ela se esforçava para não largar a capanga e, sentindo o peito queimar no limite da apneia, ela foi jogada de um lado a outro com violência e afundou mais e mais até que sua consciência ameaçou abandoná-la por completo. As trevas e a falta de orientação eram totais.

Havia uma sensação de movimento rápido. Seus membros batiam nas protuberâncias rochosas à medida que o rio a arrastava.

E então...

Seus dedos encontraram apoio. Ela agarrara uma grossa estalagmite e agora se esforçava, resistindo à correnteza. Ela emergiu a cabeça e aspirou todo o ar que conseguiu.

Ela estava aliviada por ter conseguido reter a capanga. A água em seus olhos não lhe permitia ver nada, e mesmo depois de esfregar o rosto com o braço, sua visão não clareou.

O ar era frio ali embaixo. Valla tateou com o pé e sentiu uma parede de pedra. Sua visão borrada finalmente clareou e ela jogou a capanga num ressalto próximo e se arrastou para fora da forte correnteza.

Ela se sentou, dando ao corpo um momento de descanso e absorvendo os detalhes de onde se encontrava. A área próxima se abria para o que parecia um emaranhado de túneis e grutas. Algas luminescentes recobriam as paredes, estalactites, estalagmites, colunas de pedra e partes do teto. A luz delas fornecia um brilho estranho e sobrenatural e tornava tochas desnecessárias.

Ótimo, Valla pensou. Posso ficar com as mãos livres.

Detectar qualquer barulho era impossível por causa do atoar das águas que ecoava pelas paredes. Valla tirou o manto da capanga e o prendeu às costas para se aquecer. Por sorte o manto mal se molhara. Ela tirou as armas da capanga, aliviada ao ver que a seta rubra ainda estava ali, então preparou as bestas e se levantou com uma em cada mão.

Ela olhou na direção de uma caverna à qual estacas afiadas de calcário saindo do teto e do solo emprestavam a aparência de um tubarão de boca aberta pronto para devorar a presa. E Valla viu uma sombra recortada da escuridão mais adiante, passando veloz de um lado para o outro.

Valla correu atrás do vulto, e ao fazê-lo ela sentiu o primeiro toque da mente do demônio roçando na sua, uma presença maléfica e detestável à espreita fora do perímetro de sua atenção, um lobo caçando nos limites de uma floresta sombria.

A sensação ficou mais forte quando ela entrou na caverna. Seus sentidos estavam alerta e sua pulsação batia acelerada.

BEM-VINDA, disse uma voz em sua mente. Valla se moveu para o fundo da caverna onde um túnel recuava nas trevas. Havia bem menos algas luminescentes naquela área. E aqui e ali se viam as manchas da mesma substância negra encontrada no poço em Holbrook.

Ela se ajoelhou e passou os dedos no muco viscoso.

TAMANHA PERSISTÊNCIA. TAMANHO DESEJO.

POR QUÊ?

O OLHO VERÁ.

Valla se levantou e entrou no túnel com as bestas prontas. Houve movimento pelo chão de alguma coisa rastejando, e ela viu à pouca luz um tentáculo negro brilhante se erguendo e desenrolando e estalando feito chicote em sua direção. Valla disparou uma seta e a criatura cambaleou para trás, mas bestas não eram as armas apropriadas para lidar com aquilo. Ela guardou uma besta e sacou uma adaga enquanto sentia o demônio sondando sua mente, causando uma dor latejante. Ela viu gavinhas negras em sua mente, parecidas ao apêndice oleoso que a atacara.

FILHA DO MARCENEIRO.

Valla golpeou de lado, cortando a ponta do tentáculo, que se retraiu rapidamente. Mas a presença em sua mente se infiltrara ainda mais.

LINDAS MEMÓRIAS TU GUARDAS AQUI, SACO DE SANGUE. COLHEITA MADURA.

Parecia que agulhas perfuravam a cabeça de Valla à medida que ela prosseguia. As paredes estavam empastadas com o lodo negro e brilhante.

ALDEIA. FAMÍLIA. AMIGOS. ABRIGO, CALOR. TEMPOS FELIZES.

MAS ENTÃO...

DEMÔNIOS. ENXAMES QUAL GAFANHOTOS.

As paredes pareciam se contorcer e mais tentáculos emergiam do atoleiro e se desenrolavam. Valla guardou a outra besta, sacou outra adaga e começou a cortar de um lado a outro.

FUGIU.

COVARDE.

ABANDONOU FAMÍLIA. DEIXOU MORRER.

Valla lutou contra a parte de si que dizia ser tudo verdade.

Vocês são a maior arma do demônio.

— Eu não conseguiria fazer nada! Só teria morrido junto! — Valla gritou enquanto pulava sobre um tentáculo enorme, cortando-o fundo.

Ela se viu de repente em uma galeria circular mais ampla que se abria num espaço aberto mais além, um semicírculo externo frontado por colunas de pedra finas no meio e grossas nas pontas. A cabeça dela latejava. O demônio atacava com mais força agora.

GRITOS. MORTE. ALDEIA MASSACRADA.

FAMÍLIA... MASSACRADA.

— Você não vai me manipular como fez com Délios!

SANGUE...

SIM. SANGUE COMO UM...

RIO.

— Já chega! Venha me enfrentar, vamos acabar logo com isso!

O OLHO VÊ.

VEJO-TE.

O atropar da água era mais fraco ali, e Valla imaginou ter ouvido a risada de uma menina. Ela viu movimentação no círculo externo e saiu em perseguição.

A câmara encurvada levava a outro túnel, depois outra curva e ela se viu cercada pelas trevas outra vez. Seus pés faziam barulhos molhados na gosma negra e então... o rugido do rio abafou todos os sons.

Ela estava dando uma volta e se aproximando da água. Então uma forma que parecia ser uma cabeça apareceu em uma esquina e sumiu em seguida.

Valla sacou as bestas outra vez, dobrou a esquina de pedra e viu num relance o que parecia ser uma criança. Valla pensou que o filho do inferno devia ter trazido uma criança... para usar de escudo.

O vulto saiu correndo e Valla lhe deu perseguição. Agora já estavam chegando mais perto do rio e Valla pôde ver que era uma menina. De longos cabelos loiros.

TROVÃO. CHUVA.

A criança parou e ficou imóvel de um jeito sinistro. Valla se aproximou lentamente, pronta para alguma surpresa, seu coração escoiceando dentro do peito.

IRMÃ.

A menina se virou e Valla reconheceu o rosto de Halissa.

RIO. FUGINDO. MENTE EM PEDAÇOS.

É claro que não podia ser Halissa. Mas parecia tanto com ela. A menina era pálida, branca feito a morte, e sua pele encharcada começara a cair em tiras. Um olho saltava pra fora.

Valla ficou paralisada. A dor em sua cabeça era insuportável. Mas a muralha que a separava das lembranças obscurecidas se esfacelava cada vez mais.

E ela lembrou...

SIM.

Ela se lembrou da noite em que Halissa saiu correndo, enlouquecida, fora de si por causa das semanas sofrendo com os pesadelos e vivendo feito um animal, atormentada pelo massacre que testemunhara. Ela se lembrou de perseguir a irmã em meio à tempestade.

A menininha na caverna sorriu, e uma garra negra como a de um caranguejo se estendeu para diante.

Halissa escorregara e o coração de Valla gelou. Halissa estendera a mão, e Valla a tinha segurado...

Mas a água da chuva deixara tudo escorregadio e ela não pôde segurar por muito tempo. Halissa deu um único grito e se perdeu.

TENTOU ENTERRAR LEMBRANÇA FUNDO. BEM FUNDO. MAS O OLHO VÊ.

NUNCA TERÁS UM SONHO BOM.

Valla caiu de joelhos diante da menina na caverna. Um tentáculo negro saiu do rio e deslizou feito cobra pelo chão. O tentáculo agarrou o braço de Valla e puxou. Uma das adagas caiu de seus dedos frios. Já não importava. Nada importava mais.

POR QUE CRIANÇAS? CRIANÇAS SÃO A ESPERANÇA. EU SOU O DESTRUIDOR DA ESPERANÇA. O MEDO DE MORRER NAS MÃOS DE UM ENTE QUERIDO. A FÚRIA DA INOCÊNCIA PERDIDA.

Destruição gera Medo, Medo Gera Ódio, Ódio gera Destruição...

SIM.

DÉLIOS. AQUELE TINHA MUITA RAIVA.

ESCONDIDO NA RAIVA, UM GAROTINHO. ANSIOSO POR DESTRUIR.

Valla sentiu a aspereza das pedras ao ser arrastada para a beira do rio.

AGORA VOCÊ ME PERTENCE.

Mas havia mais um pedaço de lembrança faltante.

Ela se lembrou da fogueira.

O tentáculo a puxou para baixo. Outro se ergueu e prendeu seu braço livre. A água ali era muito mais funda. Valla fechou os olhos, adiando o momento de exalar O último suspiro. O que estava faltando?

A fogueira. Os exercícios mentais. Ela enterrara a lembrança da morte de Halissa. Mas por quê?

Lembre-se.

Para que o demônio fosse procurar por ela. Em seu olho espiritual ela viu a infiltração demoníaca como centenas de tentáculos fuliginosos.

Quando um demônio espia os recessos mais recônditos da sua mente, curandeiro, então é possível espiar de volta, se você souber como.

Valla se imaginou agarrando um dos tentáculos e seguindo-o até sua origem...

O QUE É ISSO?

A coisa mais perigosa que um caçador de demônios pode fazer.

Sua consciência invadiu a presença que se prendera a ela. Um olho vermelho maligno dominava a aparição e Valla seguiu adiante em busca de respostas. Seus arredores mostravam-se vivos com coisas que se estorciam e rastejavam, mas quanto mais ela sondava, quanto mais insistia... mais as coisas tomavam forma definida.

E com uma clareza súbita ela entendeu o que enfrentava.

Os olhos de Valla se abriram sob a água, e lá embaixo, nas profundezas escuras...

Eles ardiam feito fogo.

Eu estou vendo VOCÊ.

Ela sentiu a presença retirando-se de sua mente e sentiu o aperto em seus braços afrouxar. Ela golpeou à frente com sua última adaga e cortou os tentáculos. O rio ameaçou levá-la para longe... mas ela não permitiu. Não dessa vez. O rio nunca mais tomaria nada dela.

Seu nome maldito nem é Olphestos.

Valla se impulsionou em direção à superfície e enterrou os dedos no rebordo rochoso. Ela se içou para o alto e o cadáver de Halissa deu um passo para trás, evidenciando medo em seu rosto.

Eu estou vendo você, Valdraxxis—soldado raso. Pária. Abandonado.

A menina morta se virou e correu.

Durante as guerras contra os Males Supremos, você liderou uma campanha fracassada. Punido e ridicularizado... Você já foi um demônio importante no Inferno, mas agora é persona non grata até para seus irmãos.

EU...

Algo saiu se arrastando das trevas à direita, algo que parecia ter sido um sapo, agora uma criatura deformada, inchada com enormes olhos bruxuleantes. A coisa avançou na direção de Valla.

EU NÃO SEREI DERROTADO.

Valla meteu a adaga entre os dentes, procurou dentro do gibão e ficou feliz ao ver que as boleadeiras ainda estavam lá.

Ela lançou uma boleadeira que se enroscou no braço anfíbio. A criatura ergueu o membro à altura do rosto, encarando a corda e as bolas estupidamente.

A boleadeira explodiu, vaporizando o braço do monstro e arrebatando sua cabeça enquanto Valla empunhava novamente a adaga e retomava a perseguição à menina.

Não era o cadáver de Halissa, era meramente uma forma usada pelo demônio para enfraquecê-la.

O fraco aqui é você, lacaio.

Mais criaturas saíram dos nichos nas paredes, coisas monstruosas. Um deles veio de lado e golpeou com uma garra gigante. Valla pulou sobre a criatura e enfiou a adaga através da carapaça. As pernas do demônio se dobraram e ele caiu. Valla sacou uma das bestas.

Outra aberração se arrojou em sua direção. Sempre em movimento, caçando o impostor, Valla disparou uma seta que destroçou algo parecido a um braço e outra que atravessou um olho bulboso. Ela arremessou a adaga e sacou a outra besta.

Uma longa passagem esperava por ela. As paredes tomaram vida quando incontáveis insetos — baratas, centopeias, besouros, uma maré de pestilência quitinosa — se arrojaram sobre ela como um só corpo.

A caçadora de demônios parou, se ajoelhou e disparou várias vezes com as duas bestas, causando várias explosões. Ela sentiu o calor no rosto e quando as chamas se dissiparam a legião repelente não passava de uma gosma grossa grudada nas paredes. Os que sobraram ela esmigalhou sob os pés enquanto corria.

Valla dobrou uma esquina, mas o que ela viu já não era a garota.

Era uma cópia idêntica dela mesma. Valla se adiantou, pegando a seta rubra e equipando-a na besta. A Valla falsa abriu a boca e uma grossa língua negra de lodo saiu borbulhando, derramando-se por seu queixo e vazando por suas narinas. A cicatriz que ela tinha no queixo se abriu e mais gosma caiu dali até o chão. A Valla falsa chorava lágrimas de sangue demoníaco.

Não. Eu não sou assim. Eu não serei assim.

A falsa Valla saiu correndo, passando por uma gruta escura e dando a volta em um enorme pilar de pedra. A caçadora de demônios a seguiu com as bestas prontas para disparar. Ela deu a volta no pilar, girou e pousou um joelho no chão, dizendo:

— Eu o vejo, lacaio do Inferno Ardente...

Ela pronunciou as palavras enquanto o demônio saía da gruta preparando para o golpe um grosso braço terminado em lâmina serrilhada de quitina, um golpe forte o suficiente para arrancar a cabeça da caçadora de demônios.

— Em nome de todos os que sofreram, eu o expulso!

O demônio era uma monstruosidade maciça. Seu corpo era como o das criaturas que existem bem no fundo do mar onde a luz nunca chega. Tentáculos negros intumescidos lhe serviam de pernas. A parte superior do torso era coberta por uma casca blindada de quitina com caroços pontudos, e todo o corpo dessa criatura de pesadelos estava coberto por uma gosma viscosa da cor da meia-noite.

— Vá embora, maldito, e nunca mais retorne!

Um enorme olho vermelho com uma estreita pupila vertical a encarou. A pupila se alargou quando Valla disparou a seta rubra.

A seta atingiu o olho, estourando-o como uma uva. As runas na seta brilharam, e então houve uma explosão de luz cegante.

O tempo agora esfriava.

Valla estava de pé, com o capuz abaixado, olhando para a grande cruz de madeira que marcava a sepultura de Halissa. Várias ervas daninhas haviam brotado desde a última vez em que ela estivera ali. As sepulturas dos seus pais, onde ela enterrara o que sobrara deles, também continuava ali, e ao redor delas se espalhavam as sepulturas dos outros aldeões que também foram massacrados.

Josen se aproximou, mas permaneceu em silêncio. A brisa leve enfunava seu manto.

Valla se ajoelhou e começou a arrancar o mato.

— Notícias da aldeia — Josen disse com aquele tom sempre irritantemente em emoção.

— Tudo está... tão bem quanto possível, dadas as circunstâncias. As crianças voltaram ao normal, sem lembrança nenhuma do que fizeram... Muitas delas crescerão sem pais. Bellik e alguns outros ofereceram suas casas para os órfãos.

Valla disse apenas:

— Bom.

Josen levou o peso do corpo para a outra perna.

— Parece que os aldeões estão... agradecidos.

A filha do marceneiro se levantou, encarando Josen. Havia três rasgos ainda cicatrizando do lado esquerdo do seu rosto.

— E quanto a Délíos? — Valla perguntou.

— Já cuidei disso — Josen respondeu. Valla esperou o resto da explicação. O mestre dos caçadores apenas a encarou impassível.

— Eu ouvi murmúrios... — ela disse. — Premonições de pessoas agraciadas com o dom da profecia... dizendo que uma estrela cairá em Tristram daqui a sete dias.

Os olhos de Josen pareceram avaliar Valla.

— É verdade. Dizem que a estrela cadente é um sinal da Profecia. Os outros me pediram para enviar meu melhor caçador para investigar.

Valla puxou um item de sob a armadura. Um momento de silêncio se passou, e Josen falou finalmente.

— O que você fez...

— Foi arriscado. Mas funcionou.

A filha do marceneiro desdobrou a carta que ela escrevera em Vila Guarida, se ajoelhou e a colocou em cima da sepultura, prendendo-a com uma pedra.

— Eu disse que viria visitar você — ela sussurrou.

Ela se levantou e olhou para seu mentor.

— Você gosta de dizer que tudo é um teste. A vida é um teste. eu fracassei nas ruínas... mas neste teste eu passei. E eu aprendi bastante. Aprendi que podemos ser nossos piores inimigos. Mas também aprendi que não importa o quanto os demônios destruam... eles não podem destruir a esperança.

O sol que se punha iluminou os olhos de Valla.

— Pode funcionar pra você simplesmente desligar suas emoções, mas eu sou diferente. Foi libertador viver por algum tempo com a promessa de uma vida diferente. Viver uma mentira confortável.

O quão fácil seria retornar àquela mentira, Valla pensou. Josen a encarou daquela maneira perscrutadora.

Valla continuou:

— Foi um sonho bom... mas por enquanto irá permanecer assim: um sonho.

A filha do marceneiro levantou o capuz.

— Eu estou de volta. Estou de volta e estou pronta para continuar a caçada.

Ela se voltou para partir.

— Pra onde você acha que está indo? — Josen perguntou.

— Para Tristram. Os outros pediram que você enviasse o melhor. A melhor sou eu. Eu estou de partida e você só tem mais alguns segundos para tentar me deter.

Valla esperou com as costas voltadas para o mestre dos caçadores. Então ela ergueu a echarpe... No instante seguinte ela partiu, subindo pelo topo da colina e desaparecendo de vista em seguida.

Josen apenas observou. E se houvesse uma testemunha na cena essa pessoa teria visto algo fora do comum: Algo adejando nos lábios do mestre de caçadores. Algo que até parecia... um sorriso.